

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**GABRIELA VOIGT**

**COLONO E COLONIZAÇÃO:  
REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE ATRAVÉS DO CINEMA**

**CHAPECÓ**

**2024**

**GABRIELA VOIGT**

**COLONO E COLONIZAÇÃO:  
REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE ATRAVÉS DO CINEMA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Claiton Marcio da Silva

**CHAPECÓ**

**2024**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Voigt, Gabriela  
COLONO E COLONIZAÇÃO: REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE  
ATRAVÉS DO CINEMA / Gabriela Voigt. -- 2024.  
40 f.:il.

Orientador: Doutor Claiton Marcio da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2024.

1. COLONO. 2. COLONIZAÇÃO. 3. REPRESENTAÇÕES. 4.  
IDENTIDADE. I. Silva, Claiton Marcio da, orient. II.  
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

**GABRIELA VOIGT**

**COLONO E COLONIZAÇÃO:  
REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE ATRAVÉS DO CINEMA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciatura em História

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 12/12/2024

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 gov.br **CLAITON MARCIO DA SILVA**  
Data: 16/12/2024 10:09:08-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dr. Claiton Marcio da Silva – UFFS**  
Orientador

Documento assinado digitalmente  
gov.br **MARINA ANDRIOLI**  
Data: 16/12/2024 10:07:01-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**M.a. Marina Andrioli– UFFS**  
Avaliadora

Documento assinado digitalmente  
gov.br **SAMIRA PERUCHI MORETTO**  
Data: 17/12/2024 11:18:12-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Samira Peruchi Moretto – UFFS**  
Avaliadora

Dedico este trabalho a todos que de uma maneira ou de outra não pouparam esforços para que eu pudesse concluir meus estudos.

## **AGRADECIMENTOS**

Em meio aos percalços da vida, aos altos e baixos e mediante todas as surpresas que nos deparamos ao longo da caminhada nessa jornada com pessoas e momentos que convergiram para que eu pudesse estar aqui hoje apresentando esse trabalho.

Agradeço aos meus pais Isaú e Catarina, a minha Avó Maria e minha irmã Patricia por todo o zelo e dedicação que sempre tiveram comigo ao longo dessa jornada. Ao meu esposo Abimael por estar do meu lado em bons e maus momentos e ser um dos maiores incentivador para a conclusão do curso aos meus gatos Garry e Sypha que serviram de apoio e consolo emocional.

Agradeço ao professor Claiton que aceitou embarcar nessa jornada quando nem eu mesma sabia sobre o que queria escrever por todo apoio e compreensão, agradeço também aos professores do curso pelo conhecimento transmitido, e a UFFS pelo curso e a estrutura que tornou possível a graduação.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão da minha jornada acadêmica, valeu a fé.

Nem tão longe que eu não possa ver, nem tão perto que eu possa tocar, nem tão longe que eu não possa crer que um dia chego lá, nem tão perto que eu não possa acreditar que o dia já chegou.( GESSINGER, Humberto. 1997.Álbum Minuano)

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o processo de colonização do oeste catarinense, com foco na cidade de Chapecó, e investigar como a identidade dos colonos é representada e reafirmada por meio do cinema no período de 1965 - 2014. O objetivo principal é compreender o papel do cinema na preservação da memória e na valorização cultural dos descendentes de imigrantes italianos e alemães, os quais chamamos de colonos. Por meio de análise de filmes regionais, revisão bibliográfica, a pesquisa identificou que o cinema tem sido fundamental para retratar o cotidiano dos colonos, destacando sua relação com a terra e os desafios históricos da imigração. Conclui-se que o cinema atua como uma ferramenta de reafirmação identitária, fortalecendo o vínculo cultural entre gerações e contribuindo para a valorização do patrimônio cultural local.

Palavras-chave: Colono, colonização, identidade, representação .

## **ABSTRACT**

The present work aims to present the process of colonization in western Santa Catarina, focusing on the city of Chapecó, and to investigate how the identity of the settlers is represented and reaffirmed through cinema the 1965 - 2014. The main objective is to understand the role of cinema in preserving memory and promoting the cultural value of the descendants of Italian and German immigrants, referred to as settlers. Through analysis of regional films and a literature review, the research identified that cinema has been essential in portraying the daily life of the settlers, highlighting their relationship with the land and the historical challenges of immigration. It concludes that cinema acts as a tool for identity reaffirmation, strengthening the cultural bond between generations and contributing to the appreciation of local cultural heritage.

Keywords: Settler, colonization, identity, representation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Logomarca Margot Filmes .....	22
Figura 2 – Cartaz do documentário “O Goio -ên transbordou” .....	24
Figura 3– Cena fotografia balsas e construção da ponte .....	27
Figura 4 – Enchente sobre o Rio Uruguai.....	29

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>O CINEMA COMO FONTE HISTÓRICA : UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>DOCUMENTÁRIO O GOIO - ÊN TRANSBORDOU .....</b>	<b>21</b>
<b>3.1</b>	<b>A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: MARGOT FILMES E O CINEMA CHAPECOENSE .....</b>	<b>22</b>
<b>4</b>	<b>COLONIZAÇÃO DO OESTE CATARINENSE: CHAPECÓ E O DISTRITO DO GOIO - ÊN.....</b>	<b>25</b>
<b>4.1</b>	<b>O EVENTO QUE DÁ NOME AO DOCUMENTÁRIO.....</b>	<b>27</b>
<b>5</b>	<b>FORMAÇÃO DO COLONO NO OESTE CATARINENSE.....</b>	<b>31</b>
<b>6</b>	<b>REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE.....</b>	<b>33</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Produções cinematográficas — seja escrever, atuar, dirigir ou filmar — sempre me pareceu algo distante, quase inalcançável. O mundo do cinema, com toda a sua grandiosidade, efeitos especiais e roteiros marcantes que ficam em nossa memória, parecia fora do meu alcance. No entanto, ao longo deste trabalho, explorei como esse universo pode ser acessível e transformador. Assim como a historiografia, o cinema passou por transformações significativas, refletindo uma mudança de perspectiva sobre quem tem o direito de contar sua própria história deixou de ser dominado apenas pela visão de governos e grandes produtoras, focada em representar grandes conquistas, guerras e impérios ocidentais, o cinema também evoluiu para dar espaço a narrativas antes marginalizadas. Hoje, personagens que antes eram apenas coadjuvantes ou invisíveis — como os colonos, caboclos e povos indígenas — ganham protagonismo, e suas histórias são finalmente contadas de forma mais complexa e realista. Essa ampliação de vozes no cinema reflete uma busca por uma representação mais plural da história, que não se limita aos grandes centros de poder, mas que inclui as experiências e as lutas dos povos subalternizados, ampliando a compreensão de nossas origens e da história coletiva.

Deste modo ao deparar-me com filmes e documentários produzidos e filmados em Chapecó foi simplesmente extraordinário, pensar e ver os lugares nos quais passamos todos os dias no ônibus a caminho de casa se tornarem cenários de filmes como o curta metragem *Clareando* produzido pela Lua Caolha<sup>1</sup>, tendo como protagonista a atriz Leticia Persiles<sup>2</sup>, ou deparar com seus vizinhos dando seu depoimento sobre a enchente do Rio Uruguai, que faz parte do documentário “ O Goio-ên Transbordou” realizado pela Margot Filmes produtora chapecoense, um novo mundo de possibilidades que se abriu.

Desta maneira resolvi unir duas paixões: História e Cinema, dedicando-me a trabalhar com fonte fílmica. O documentário escolhido como fonte é da produtora Margot Filmes, onde além dos personagens e narrativas abordaremos como esses são representados e se identificam. O documentário chamado " O Goio-ên transbordou" produzido em 2014 aborda a cheia do Rio Uruguai em 1965 narrada por moradores e ex-moradores da localidade que testemunharam o desastre natural o qual chamam de “dilúvio”; o documentário tem duração de 1h10min tendo como enfoque a colonização da região oeste e seus protagonistas o Colono e o Caboclo que de acordo com Renk ( 2008), o colono e o caboclo são vistos como agentes históricos e culturais que desempenharam um papel crucial na colonização da região

1 Produtora chapecoense mais informações disponíveis em: <http://heylink.me/LuaCaolha>.

2 Atriz e cantora brasileira.

oeste. Eles foram fundamentais na ocupação e na construção de comunidades rurais e urbanas, estabelecendo uma relação profunda com o território onde residiam.

A partir das considerações iniciais, explanamos algumas análises a respeito do uso de fontes cinematográficas no trabalho do historiador. A entrada do cinema no *hall* da fama das fontes historiográficas acontece em meados dos anos 1960, principalmente pelos trabalhos e obras do historiador francês Marc Ferro (1924 - 2021) que debruçou -se a trabalhar sobre o que o filme poderia nos contar para além das imagens que vemos na grande tela. Grande historiador da revolução Russa, Ferro escreve o célebre *História e Cinema* (1992) onde analisa as interpretações de grandes cineastas soviéticos como Serguei Eisenstein e sua relação com o governo, qual mensagem e interpretação podemos nos aprofundar sobre o encouraçado Potemkin: será que ele apenas quis nos mostrar a insatisfação da tripulação com a carne apodrecida? As dicotomias apontadas pelo autor, visível - não visível, aparente - latente, história e contra - história, em que pensavam os produtores ao filmarem a cena? poderiam captar no registro fílmico “aspectos do real”? ( FERRO, 1992, p. 32).

Norteados por essas inquietações, muitos historiadores começaram a utilizar filmes e documentários como fontes, adotando novas metodologias específicas para o estudo de obras fílmicas. Para compreender os filmes de maneira mais abrangente, seguimos algumas diretrizes que auxiliam na interpretação desses discursos complexos e entrelaçados. Assim, torna-se essencial ampliar as análises, considerando elementos como o roteiro, a trilha sonora e a sinopse como objetos de pesquisa.

No Brasil, historiadores também se dedicaram ao estudo da sétima arte, movimento que ganhou relevância especialmente entre as décadas de 1970 e 1980. Nesse período, eles voltaram seu olhar para as obras cinematográficas produzidas durante momentos de repressão política, como na fase do Cinema Novo, iniciada durante o governo de Getúlio Vargas, entre 1937 e 1946. Posteriormente, o foco se ampliou para os filmes que retratam os anos da Ditadura Militar de 1964-1985, período marcado por forte repressão, anticomunismo e violência estatal.

O cinema brasileiro desempenhou um papel fundamental ao narrar e criticar a Ditadura Militar, abordando os impactos sociais, políticos e culturais desse regime, muitas vezes utilizando metáforas e linguagens simbólicas para driblar a censura como o filme “Terra em Transe” (1967) do cineasta Glauber Rocha, a obra utiliza alegorias para criticar tanto a elite política quanto às estruturas de poder da América Latina, incluindo o Brasil. A narrativa se passa em um país fictício, Eldorado, mas aborda de maneira metafórica os conflitos ideológicos e as crises políticas vivenciadas no Brasil e em outras nações latino-americanas, a

exemplo também o filme “Bye Bye Brasil” (1979) de Cacá Diegues, onde o filme utiliza a jornada de uma trupe artística pelo interior do Brasil como pano de fundo para criticar a modernização desigual e os impactos do regime na cultura popular. A abordagem metafórica e o tom nostálgico permitiram que a obra fosse aprovada pela censura. A linguagem poética e simbólica dos filmes dificultou sua interpretação direta pelos veículos de censura, permitindo que as obras fossem exibidas, embora com restrições e cortes em alguns contextos a genialidade dos cineastas permitiu que essas obras se tornaram fontes valiosas para compreender os desafios enfrentados pela sociedade brasileira e os esforços de resistência artística em tempos de opressão bem como por meio de recursos criativos, enfrentaram os limites impostos pelo regime e deixaram um legado importante tanto para o cinema quanto para a história da resistência cultural no Brasil.

Exemplos disso são trabalhos como dos Historiadores Alexandre Busko Valim que pesquisa relações de poder e repressão de obras em períodos de guerras e ditaduras, ou José D’Assunção Barros, que além de metodologia da história dedica-se a escrever sobre a relação do cinema na história, ou ainda de Eduardo Morettin que amplia seus estudos para os documentários e juntamente com o historiador que se dedica a escrever sobre o uso do cinema no ensino de história Marcos Napolitano autor do livro “ O regime militar brasileiro 1964-1985” que com sua abordagem no livro permite compreender não apenas os acontecimentos políticos , mas também as formas de resistência cultural e os desafios da memória histórica inicialmente menosprezados.

Orientado pelos estudos dos historiadores mencionados, o cinema, além de ser um objeto de análise, emerge como um recurso pedagógico, impulsionado por políticas educacionais que o integram como ferramenta didático-pedagógica no Brasil que remontam ao período em que o Ministério da Educação e Cultura (MEC) começou a integrar tecnologias audiovisuais e a difundir o uso do cinema na sala de aula. Um marco importante foi a implementação de programas que incentivam o uso de filmes e vídeos como ferramentas pedagógicas, especialmente durante os anos 1970 e 1980. Alguns dos programas são: Cine-Educação (1970) durante os anos 1970, o MEC começou a incentivar o uso de filmes educativos como forma de complementar o ensino tradicional. Esses filmes eram produzidos ou distribuídos pelo próprio ministério, com temáticas que variavam entre história, geografia, ciências e educação moral e cívica, um reflexo da ênfase na formação ideológica durante o regime militar.

Além da aquisição de aparelhos para a exibição das produções como a compra de televisores e videocassetes nas escolas, nos anos de 1980 e 1990, o avanço das tecnologias de

gravação e reprodução de vídeo, como videocassetes, permitiu que escolas utilizassem programas audiovisuais como recurso pedagógico. O governo de José Sarney distribuiu televisores e videocassetes em muitas escolas públicas, promovendo o uso de filmes, documentários e conteúdos educativos gravados.

Não muito distante em 1995, agora no governo de Fernando Collor de Mello o programa TV Escola foi uma iniciativa pioneira no Brasil para o uso da televisão como ferramenta pedagógica de apoio ao ensino. Ele tinha como objetivo principal oferecer suporte à formação de professores e enriquecer as práticas pedagógicas nas escolas públicas. A TV Escola era transmitida via satélite para escolas públicas que possuíam kits contendo uma televisão, videocassete e antena parabólica, o canal operava como um serviço gratuito, dedicado exclusivamente à educação, com uma programação voltada para professores, gestores escolares e alunos.

Contando também com a regulamentação de Leis como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, reforçou-se a importância de metodologias que fossem além do livro didático. O cinema foi inserido como recurso pedagógico, principalmente nas disciplinas de História, Geografia e Artes. Mais tarde em 2017 a consolidação da Base Nacional Comum Curricular menciona explicitamente a importância do uso de recursos audiovisuais, como o cinema, no ensino de diversas disciplinas, incluindo História. A BNCC não trata o cinema como conteúdo isolado, mas como parte de estratégias metodológicas para promover o letramento crítico, a análise histórica e a construção de conhecimentos em diferentes contextos educativos, podemos observar a descrição da competência 05 “compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética [...] na construção de conhecimentos”(BNCC, 2017, p.9). O uso do cinema como ferramenta no ensino de História atende a essa competência, ao introduzir os alunos à análise crítica de obras audiovisuais como fontes de conhecimento histórico e cultural.

Deste modo os filmes são elevados a um universo inesgotável para o trabalho do historiador e como agente histórico primordial da contemporaneidade, estreitando os laços entre história e cinema. Chegando em Santa Catarina pelo trabalhos de diretores regionais e pelos programas de graduação e pós graduação que vem ampliando suas linhas de pesquisas para as telas, marcos importantes que podemos considerar foi a criação do curso de licenciatura em história na Universidade Federal da Fronteira Sul em 2010 o qual já nos contemplou com o trabalho de conclusão de curso como da Historiadora formada pela UFFS Morgana Elisa Janhke intitulada “Canibais em Palmitos: arte e anarquia no cinema

independente” . Também, o curso de Produção Audiovisual na Universidade Comunitária da região de Chapecó (Unochapecó) criado em 2009, é o único na região Oeste que compreende 118 municípios, pensado para proporcionar reconhecimento ao mercado latente de produções audiovisuais locais e aos anseios de acadêmicos que amam fotografia, roteiros e cenários. Como amante dessas duas artes resolvi escrever sobre, colaborando para área de pesquisa com esse trabalho.

Esse trabalho tem como objetivo analisar a figura do colono e de que maneira a colonização é representada no documentário chapecoense sobre o tema e o processo de reafirmação dessa identidade. Pensando na discussão historiográfica os conceitos que nortearão a pesquisa são: colono, identidade e representação.

Renilda Vicenzi e José Carlos Radin analisam a colonização do oeste de Santa Catarina, com foco na figura do colono, sua identidade, hábitos e trajetória histórica. Os autores destacam que, ao abordar os colonos, há uma clara valorização da cultura trazida da Europa, que foi preservada e transmitida de geração em geração. Entretanto, com o avanço do processo de modernização agrícola no Brasil, especialmente a partir da década de 1970, essa cultura tradicional e o modo de vida rural passaram a ser vistos como obsoletos, frequentemente associados a atraso e contrários ao ideal de progresso.

A modernização agrícola introduziu maquinário pesado, insumos químicos e sementes geneticamente melhoradas, transformando a lógica produtiva do campo. Essas mudanças privilegiaram o agronegócio e as monoculturas voltadas à exportação, relegando a agricultura familiar a uma posição de menor destaque. Nesse contexto, a figura do colono e seu modo de vida tradicional perderam prestígio, sendo frequentemente desvalorizados no discurso dominante, que exaltava a eficiência, a produtividade e a integração ao mercado global. Ainda assim, a cultura dos colonos permaneceu como um legado vivo, adaptando-se às novas condições e resistindo às pressões da modernização.

Sobre o conceito de identidade trabalharemos com o livro “A identidade cultural na pós - modernidade” de Stuart Hall (HALL,2020 p.56), onde o autor aborda os conceitos de sujeito e identidade do período da modernidade até a pós-modernidade. Hall explora como as identidades são construídas social e historicamente, destacando que elas nunca são fixas ou imutáveis, mas sim dinâmicas, múltiplas e em constante processo de transformação. Ele sugere que estamos vivendo em uma era de crise de identidade, provocada pelas mudanças estruturais na sociedade, como a globalização, o avanço das tecnologias e o enfraquecimento das grandes narrativas que antes conferiam sentido e estabilidade aos sujeitos.

O autor identifica três concepções de sujeito ao longo da história: O sujeito do Iluminismo: caracterizado por uma identidade fixa, centrada na razão e na autonomia individual; O sujeito sociológico: emergente na modernidade, cuja identidade é moldada pelas relações sociais e pelas instituições, como família, Estado e trabalho; O sujeito pós-moderno: fragmentado e descentralizado, cuja identidade é fluida e formada por múltiplas influências culturais, em um contexto marcado por rápidas mudanças e pela interconexão global.

No contexto pós-moderno, Hall aponta que a crise de identidade decorre do enfraquecimento dessas bases tradicionais que antes estruturavam o “eu”. Ele explica que, com o avanço da globalização e das tecnologias de comunicação, as culturas se tornam híbridas e os indivíduos se veem expostos a uma multiplicidade de referências culturais. Isso cria novas formas de identificação, mas também promove incertezas e deslocamentos. Além disso, Hall propõe que a identidade seja sempre relacional: ela não existe de forma isolada, mas se constroi em oposição ou em relação a "outros" significativos. Nesse sentido, as identidades não são apenas individuais, mas também coletivas, refletindo as interações de poder, a dinâmica cultural e as condições históricas.

O conceito de representação utilizaremos a obra “A História Cultural: Entre Práticas e Representações” de Roger Chartier Um marco para os estudos de história cultural, este livro discute como as representações culturais são construídas e negociadas ao longo do tempo. Chartier reflete sobre o papel dos historiadores na análise dessas práticas.. Para etnia discutiremos o conceito a partir da obra “Sociodiceia às avessas” ou imigrantes e imigrantes alemães e italianos.

Dessa forma, optei por dedicar o primeiro capítulo à revisitação da trajetória do cinema como fonte histórica. Além disso, considereei essencial apresentar a história da produtora responsável pelo documentário escolhido como fonte, bem como a narrativa sobre a colonização do território de Goio-Ên e o contexto do evento da grande enchente que dá nome ao documentário, pois o cinema ao longo do tempo, consolidou-se não apenas como um meio de entretenimento, mas também como uma ferramenta valiosa para a preservação e a compreensão da história. Nesse contexto, o documentário "O Goio-ên transbordou" emerge como uma expressiva obra audiovisual que retrata aspectos singulares do Oeste Catarinense, em especial a região de Chapecó e o distrito de Goio-ên, explorando a colonização e os desafios enfrentados pelas comunidades locais. Sobre a Margot Filmes, produtora atuante na cena cinematográfica chapecoense, desempenha um papel crucial na arte de contar histórias, utilizando o cinema como uma ponte entre quem está na frente e por trás da câmera. Assim, este capítulo busca investigar a interseção entre a memória coletiva, a construção narrativa e o

contexto sociocultural do Oeste Catarinense por meio da análise dessa obra e da atuação cinematográfica regional.

No segundo capítulo, será abordada a formação do colono no Oeste Catarinense, destacando os processos históricos e culturais que moldaram as comunidades locais. A chegada de imigrantes europeus, em especial italianos e alemães, trouxe consigo não apenas técnicas agrícolas e conhecimentos práticos, mas também valores, tradições e uma rica diversidade cultural que, com o tempo, passaram a integrar a identidade regional. Nesse contexto, a reafirmação da identidade colona não se limita à memória de seus costumes, mas também se manifesta na relação das comunidades com o espaço geográfico, as narrativas transmitidas entre gerações e a resiliência frente aos desafios históricos. Este capítulo busca evidenciar como esses elementos contribuíram para a formação de uma identidade cultural única, consolidada por meio de uma história coletiva e pelo sentido de pertencimento à região também abordo a reafirmação dessa identidade, os contrapontos com a pós-modernidade e, por fim, concluo o trabalho nas considerações finais, buscando mostrar como a trajetória da identidade do colono no Oeste Catarinense reflete um processo dinâmico e multifacetado. Inicialmente abalada por crises econômicas, sociais e culturais, a identidade do colono passou por momentos de questionamento e redefinição. A migração de jovens para os centros urbanos, o impacto da globalização e as transformações nas práticas de trabalho no campo desafiaram a continuidade dos valores e tradições que outrora estruturaram a vida colonial. Essa reafirmação de identidade demonstra que ser colono no Oeste Catarinense vai além de uma designação econômica ou cultural é uma construção histórica que combina tradição e adaptação. Nesse sentido, o colono contemporâneo representa uma síntese entre o legado do passado e as demandas do presente, reafirmando sua relevância e protagonismo na sociedade rural.

## 2 O CINEMA COMO FONTE HISTÓRICA : UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

O cinema começou a ser reconhecido como uma fonte legítima para estudos históricos a partir da década de 1960 principalmente pelo trabalho do historiador Francês Marc Ferro ligado ao movimento historiográfico surgido na França ao longo do século XX conhecido como escola dos *Annales* o qual desafiou os métodos tradicionais de pesquisa da história. Tal evento causou mudança no estatuto entre historiador e sociedade, mexeu em estruturas e métodos até então solidificados. Pois o cinema não tinha lugar de destaque nas reflexões históricas, os filmes eram desprezados.

Esse desprezo reflete um distanciamento do historiador diante de informações de outra natureza como risos, gestos que consideremos produtos de um discurso tido como fútil e subalterno, que escapam do olhar do historiador, por razões tanto sociológicas e ideológicas como técnicas (FERRO,1992 p. 26)

Esse desprezo em relação ao uso do cinema como fonte histórica decorre da formação dos historiadores até então, fortemente influenciada por uma tradição historiográfica positivista, que excluía quaisquer fontes que não fossem escritas ou oficiais. No entanto, com o desenvolvimento de novos métodos para tratar essas fontes, Marc Ferro (1992) argumenta que a exclusão do cinema do fazer histórico ocorreu, em grande parte, porque ele estava associado ao imaginário social, um campo historicamente desconsiderado pelos historiadores tradicionais. Em sua obra, Ferro destaca elementos fundamentais para a análise de filmes como fontes históricas, incluindo a compreensão das intenções por trás das produções cinematográficas e o papel do imaginário social como expressão das sociedades já que “o imaginário do Homem é tanto História quanto a história” (FERRO,1992, p. 203).

Deste modo a metodologia aplicada para fontes fílmicas seguem alguns coordenadas para compreensão de que os filmes são construídos de discursos distintos que permeiam entre si, por isso para compreender todas as possibilidades de interpretação se faz necessário ampliar as análises, não se deter apenas no filme propriamente dito ou no roteiro, é preciso considerar as nuances com a trilha sonora, gestos, imaginário, recepção e também naquilo que não é dito no que fica subliminar sob a lente da câmera. As nuances para Barros são chamados de substratos partes de um todo que se integram e aplica-se metodologia de análise que melhor se encaixa com cada um dos substratos, componentes internos e suas relações entre si.

Assim, qualquer obra cinematográfica seja um romance, drama, documentário ou ficção é produto da história, pois segundo Barros.

Se o Cinema é agente da História no sentido de que interfere direta ou indiretamente na História, ele também é interferido todo o tempo pela História, que o determina nos seus múltiplos aspectos. Vale dizer, o cinema é produto da História – e, como todo o produto, um excelente meio para a observação do lugar que o produz, isto é, a sociedade que o contextualiza, que define a sua própria linguagem possível, que estabelece os seus fazeres, que institui as suas temáticas. Por isto, qualquer obra cinematográfica – seja um documentário ou uma pura ficção – é sempre portadora de retratos, de marcas e de indícios significativos da sociedade que a produziu. (BARROS, 2007, p. 25)

Filmes carregam significados da sociedade que produziu, pois produções fílmicas partem de problemáticas contemporâneas, são um emaranhado de fatores que confluem, como os diversos tipos de linguagem, material discursivo, agentes sociais, culturais, relações de poder, meios de representações e visões de mundo. Sendo assim todo filme se torna objeto de estudo para o historiador interessado em compreender a sociedade que tornou possível a obra.

Essas relações abarcam aspectos coletivos, mas também subjetivos, humanos e não humanos para constituição da narrativa. Os sujeitos históricos com suas interpretações e percepções concebem um "resgate" e não uma totalidade da História com um série de interpretações singulares ou plurais tendo em visto que historiadores também são artistas “mesmo munido de fontes documentais, é obrigado a utilizar imaginação para tentar reconstruir aspectos do passado (BARROS; NÓVOA, 2012, p. 41).

Outro campo da análise fílmica é a representação histórica, é importante aprofundar essa reflexão pois representações históricas não são a própria História são maneiras criativas de narrar esses eventos, que trazem em seu enredo e sua temática fatos verídicos mesclados com a atuação e dramaticidade. No Brasil observamos esses fatores nos filmes que se propuseram a narrar fatos marcantes na vida do país como *Guerra dos pelados* (1970) e *Carandiru* (2003) títulos aqui representando a potencialidade do gênero da representação histórica e que podem ser utilizados como instrumentos de mediação e transmissão do conhecimento histórico no ensino de História ao qual se dedica o historiador Marcos Napolitano e divide essa relação em três: o cinema na história, a história no cinema e a história do cinema, ambas interligadas, mas com suas especificidades.

O cinema na história é o cinema visto como fonte primária para a investigação historiográfica; a história no cinema é o cinema abordado como produto de discurso histórico e como intérprete do passado e finalmente, a história do cinema enfatiza o estudo dos avanços técnicos, da linguagem cinematográfica e condições sociais de reprodução e recepção dos filmes (NAPOLITANO, 2010, p. 240)

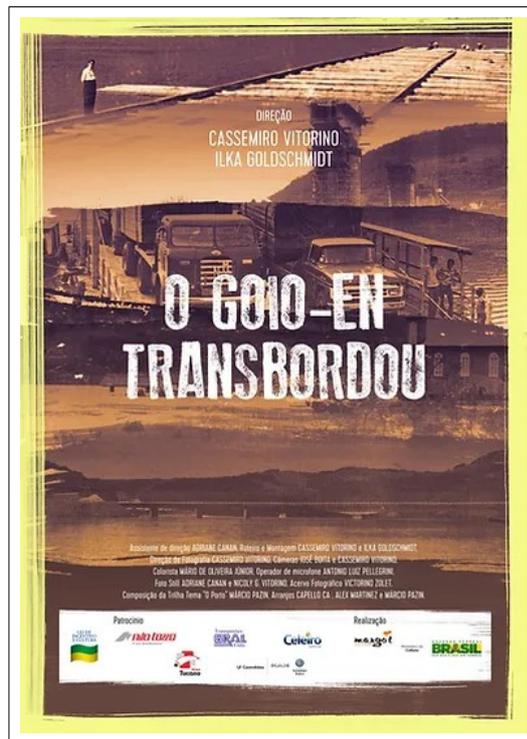
Desta maneira podemos entender o cinema como expressão de valores, não apenas pelo seu gênero seja ele histórico ou ficcional mas como foram concebidos seus registros e organização e em sua relação com a sociedade pois a imagem tem uma postura social assumida por seus idealizadores

Compreendemos então que de desprezados os filmes são elevados a um universo inesgotável de conhecimento e interpretação para o trabalho do historiador e como agente histórico primordial da contemporaneidade, laços entre história e cinema foram se estreitando. No Brasil cada vez mais trabalhos e linhas de pesquisa foram sendo incorporadas no currículo acadêmico além do trabalho do arquivo Nacional de preservação e fomento de filmes e documentários brasileiros contamos com o apoio de arquivos municipais e produtoras regionais, que desempenham um papel fundamental na conservação e divulgação dessas produções. Essas instituições não apenas asseguram a manutenção do patrimônio audiovisual, mas também promovem o acesso e o reconhecimento e difusão de obras nacionais e principalmente regionais.

### 3 DOCUMENTÁRIO O GOIO - ÊN TRANSBORDOU

O documentário *O Goio - Ên Transbordou* foi lançado em 2014 sob a direção de Casseiro Vitorino e Ilka Goldschmidt e produzido pela Margot Filmes. Contando com pouco mais de uma hora o seu roteiro intercala as visões dos moradores e antigos moradores da comunidade do Goio -en estabelecida às margens do Rio Uruguai. Contemplado com recursos da Lei Rouanet além da produção do documentário, o projeto se estendeu para a etapa de exibição, iniciando primeiramente na própria comunidade e posteriormente sendo exibido em outras comunidades rurais, além da gravação de dois mil DVD's que foram distribuídos para os participantes do filme houve a entrega para às escolas municipais. Tal ato de disseminação nas escolas vai de encontro com o uso do cinema em sala de aula, ressaltando a sua importância como ferramenta no ensino de história.

Figura 1 – Cartaz do documentário “ O Goio – Ên Transbordou”



Fonte: Cartaz de lançamento do documentário o Goio – Ên Transbordou disponível em [O Goio-en transbordou | Brasil | Margot Filmes](https://www.youtube.com/watch?v=QGoio-en-transbordou). Acesso em 29/11/2024

Contando com os personagens do documentário são eles Antonio Slvinski, Antonio Stormovski, Arestide Rodrigues, Arlindo Sander, Alzelide da Silva, Cezar Rodrigues dos Santos, Cleci Rotava, Dileta Wincler, Hermes Vieira da Rocha, Ivania d'Avila dos Santos,

José Paulo Rotava, José Francisco Bohner, Laura dos Santos, Leopoldo Shinviski, Luizildo José Stormovski. Maria Pedroso, Mauro Wincler, Maria Slvinski, Romeu Hartmann, Ruthi Slevinski, Terezinha Vieira, Valderlei Dos Santos e Waldiria Shinviski, na equipe técnica: Produção Ilka Goldschmidt, direção de Fotografia Casseiro Vitorino, câmeras José Sergio Boita Jr e Casseiro Vitorino, operador de microfone Antonio Luiz Pellegrin, finalização, Mário De Oliveira Júnior, foto Still Adriane Canan e Nicoly G. Vitorino, acervo Fotográfico Victorino Zolet, trilha sonora tema "O Porto" composição de Márcio Pazin e CAPELLO CA, concepção de Arranjos Márcio Pazin e Alex Martinez.

O documentário é constituído de relatos de antigos moradores que acabaram se mudando da localidade por conta dos eventos da enchente de 1965, e posteriormente na cheia provocada pela construção da barragem Foz do Chapecó em 2010, assim como de moradores que permanecem no Goio - ên porém viram suas casas, galpões construções, suas vidas inundadas pelas águas e foram forçados a construírem em locais mais elevados para que pudessem de escapar das águas novamente.

O Rio determinava a vida das pessoas, deste modo as cheias em sinal de bonança, era hora de transportar madeira extraída - umas das principais atividades econômicas - lotar hotéis e restaurantes, afinal rio cheio não atravessa a balsa, esses “tempos bons” duraram até 1965. Uma enchente transformou para sempre a paisagem da região, seguida pela construção de uma ponte que conecta os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, marcou um momento crucial na história da localidade. Mudanças provocadas por agentes ambientais e humanos alteraram de vez o destino dos moradores e do Porto Goio-ên. Deste modo, entramos na análise do documentário norteados pelos objetivos desta pesquisa que visa entender as noções de colono e colonização, pertencimento, identidade e representação baseados na fonte cinematográfica.

### 3.1 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: MARGOT FILMES E O CINEMA CHAPECOENSE

As produções cinematográficas brasileiras também se tornaram objeto de estudo, análises e incentivos. Por meio de leis como a Lei Federal 8.313/1991 conhecida como Lei Rouanet que foi criada com o objetivo de captar e canalizar recursos para o setor cultural de modo a facilitar o acesso de todas as pessoas do país às fontes da cultura e promover o pleno exercício dos direitos culturais, além de estimular e fomentar a produção, preservação e difusão cultural, principalmente por meio de incentivo fiscal concedido a quem patrocina

projetos com esse fim e a Lei PL 1075/2020 que recebe o nome de Lei Adir Blanc sancionada no período da epidemia de Covid - 19 mesmo que no governo do ex presidente Jair Bolsonaro, em caráter emergencial pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, determina à União o repasse de três bilhões de reais aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para aplicação em ações emergenciais de apoio ao setor cultural, inclusive custeio de renda emergencial mensal para os trabalhadores da cultura e editais de incentivo cultural uma crescente onda de produções e projetos culturais chegou até o Oeste Catarinense.

As regiões tanto por meio do cenário e locais de gravações, a cidade de Caçador foi cenário de *"Guerra dos Pelados"* do cineasta Sylvio Back, *"Lua em Sagitário"* dos cineastas Marcia Paraiso e Ralf Tambke com participação de Elke Maravilha e o cantor Serguei tem como cenário paisagens do extremo Oeste, quanto pelo surgimento de produtores independentes de Chapecó e região como Canibal Filmes de Palmitos a Lua Caolha cujo curta-metragem a protagonista foi a atriz Letícia Persiles e a Margot Filmes idealizada por Casemiro Vitorino e Ilka Goldschmidt.

Figura 2 – Logomarca Margot Filmes



Fonte: Disponível em <https://www.margotfilmes.com.br>. Acesso em 28/11/2024

A respeito da Margot Filmes, foi criada em 2006 e durante sua trajetória finalizou a produção de média e longas - metragens, mas também trabalhou em projetos institucionais. Até o início de 2018 a produtora atendia pelo nome de Margot Produções e tinha balões de diálogos na sua logomarca, na clara intenção de estabelecer comunicação com os diferentes personagens da construção audiovisual. Na nova fase a Margot muda sua logo e ganha asas para assumir em definitivo a sua vocação: contar histórias através de documentários.

Outro fator relevante é proximidade com comunidade tanto no processo de filmagem do filme quanto no lançamento e divulgação o projeto "Cinema na Linha" desenvolvido pela

Margot produções o qual consiste na exibição de sessões para comunidades rurais, o termo “linha” diz respeito uma localidade rural que se estende como uma linha, geralmente formada por moradores da mesma família e a localidade recebe o nome muitas vezes do sobrenome da família fundadora ou predominante, ou ainda de uma característica do local e nomes de Santos ligados a religião católica.

Em 2021 a etapa de exibição em Chapecó é contemplada pelo prêmio do edital de Fomento e Circulação das Linguagens Artísticas de Chapecó no total foram sete localidades que contemplaram as exposições além de uma exposição em “Cinema no Bosque” uma parceria da Associação de Cinema e Vídeo de Chapecó e Região (CINELO), realização de Associado Ecoefapi e Cineclube Helena organizado pelo curso de produção audiovisual da Unochapecó. E em 2023 a etapa de exibição Oeste é concluída com o fomento do Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura Patrimônio Imaterial, edição 2021/FCC/Governo do Estado de Santa Catarina.

#### **4 COLONIZAÇÃO DO OESTE CATARINENSE: CHAPECÓ E O DISTRITO DO GOIO - ÊN**

A região oeste de Santa Catarina até os anos de 1900 aos olhos da República era um lugar inóspito e necessitado de povoamento, pois o fato dessas terras já serem habitadas por populações indígenas e famílias caboclas era seletivamente ignorado. Alguns anos depois impulsionados pelas campanhas de conquista do sertão brasileiros inspirados pelo governo da capital, campanhas de colonização avançam sobre regiões ainda não exploradas no estado de Santa Catarina guiadas pelas companhias colonizadoras que até então atuavam no Rio Grande do Sul, cooptando famílias migrantes a se deslocarem para uma nova área de terra sobre forte propaganda e exaltação dos conceitos de trabalho progresso e pioneirismo.

As famílias que começam a habitar a região oeste eram descendentes de alemães, italianos, poloneses e teuto – russos, portanto portadores de uma mentalidade diferente das comunidades e demais grupos que já estavam estabelecidos no território oestino que por inúmeras vezes resultou em conflito, e fez com que tais comunidades e grupos fossem sendo lançados na marginalidade e na periferia da história, surgindo dessa maneira um mito da colonização do Oeste catarinense onde as famílias de migrantes agora chamados de colonos assumem o papel protagonista quando se trata da colonização da região oeste, e na cidade de Chapecó o cenário não foi diferente.

Para o projeto colonizador era essencial a presença do agente humano, cujo modelo de descendente europeu originário do Rio Grande do Sul seguindo um modelo de projeto patriótico de espírito bandeirante apareciam como a melhor opção para a empreitada e para o oeste de Santa Catarina “ convocavam-se os mais corajosos para a tarefa de efetivar tal projeto” (RADIN, 2009, p. 36).

Os pioneiros e seus descendentes, protagonistas do documentário em questão, se estabelecem na região do Goio-Ên, distrito do município de Chapecó, situado na divisa entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Essa área conecta a cidade de Nonoai a Chapecó, com um ponto de passagem através de uma balsa, uma vez que, para viabilizar o assentamento nas pequenas propriedades, era necessário limpar os lotes essas famílias primeiramente dedicaram-se à extração da abundante madeira nativa dando origem a várias empresas madeireiras, serrarias e os balseiros que transportavam a madeira extraída através do rio. No início do século XX, a propaganda do governo nacional e estadual promoveu um modelo de colonos que, ao estabelecerem-se na região, trariam ordem, progresso e civilidade, contribuindo para o desenvolvimento de um país com vocação agrícola.

Figura 3 - Cena fotografia balsas e início da construção da ponte



Fonte: “O Goio-ên Transboudou” .2014.YouTube. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=IHYcRp0mivI&ab\\_channel=margotfilmes](https://www.youtube.com/watch?v=IHYcRp0mivI&ab_channel=margotfilmes). Acesso em: 1 dez. 2024. Imagem extraída aos 01:07 minutos.

Entre tantas idas e vindas pelo rio, famílias foram se estabelecendo nas margens do Rio Uruguai e se dedicando a outras atividades como comércio, hotelaria, bares, restaurantes e madeireiras, pois segundo Renk “de modo geral, os colonos [...] passaram a advogar-se construtores do progresso (2000, p. 15) devido a base cultural a partir dos costumes trazidos pelos colonos oriundos de suas comunidades europeias. Sendo assim, a cultura que se sobressaiu foi a ítalo-germânica, gerando uma exclusão cabocla e indígena. Renk (2000) afirma ainda que o Oeste catarinense carrega consigo uma marca de oposições étnicas, entre os colonizadores europeus e os povos indígenas da região, Dessa forma, a autora relaciona o “colono-proprietário-de origem” com uma “sociodicéia”, isto é, a justificativa da condição de superioridade, vista de forma positiva pelo próprio colonizador de Renk (2000, p. 15), “de modo geral, os colonos [...] passaram a advogar-se construtores do progresso e estabelecendo comunidades com apoio do Estado pelas políticas de incentivo à colonização<sup>3</sup>.”

A representação do pioneirismo é a face pública da história oficial e utilitária dos colonos, construída a partir das experiências compartilhadas de colonização, frequentemente expressas por meio de registros fotográficos. Os registros mais comuns são aqueles que

<sup>3</sup> O presente trabalho reconhece as discussões sobre a exclusão de comunidades indígenas e caboclas no processo de colonização, entretanto não vamos nos aprofundar nesse tema para mais informações indicamos o livro “O Mito da Colonização. Renilda Vizenzi . Chapecó: Argos, 2008

documentam o corte de madeiras, a abertura de estradas e "picadas", o alinhamento de ruas e lotes, as primeiras habitações e os espaços comunitários. Esses registros servem como comprovação dos feitos e eventos relacionados às construções realizadas. Quando se trata de justificar a necessidade, a ideia de virtude<sup>4</sup> Segundo Bourdieu (1979, apud Renk, 2004) é frequentemente invocada nas narrativas, como a expressão "chegamos sem nada e nós fizemos", evidenciando o esforço e o trabalho excessivo dedicados à construção da autossuficiência.

A colonização do oeste catarinense, com foco na região de Chapecó, revela um processo complexo, marcado pela interação entre fatores geográficos, políticos, econômicos e sociais. A chegada de imigrantes, predominantemente de origem europeia, como italianos e alemães, trouxe profundas transformações à paisagem e à dinâmica da região, configurando um território caracterizado pela agricultura familiar, pela diversidade cultural e pagamentos por um modelo de ocupação fortemente influenciado pelas condições naturais e pelos interesses econômicos do período.

A ocupação do território foi incentivada por políticas de colonização promovidas pelo Governo Federal a partir de 1912, incentivadas pelo Governo Estadual e o seu governador na época Adolfo Konder, visando integrar áreas pouco exploradas ao restante do estado e ao país. Contudo, o processo também esteve permeado por conflitos fundiários, tensões com as populações indígenas e desafios enfrentados pelos colonos em um ambiente inicialmente hostil.

#### 4.1 O EVENTO QUE DÁ NOME AO DOCUMENTÁRIO

A comunidade do Porto Goio-Ên, abordada neste trabalho, possui um nome de origem indígena tupi-guarani, que significa "muita água" ou "o que vem do rio fundo". Observa-se, ao longo do documentário, a interação entre a comunidade de colonos, os caboclos e indígenas da região, embora de forma discreta, sem um protagonismo expressivo das duas últimas comunidades citadas. Essa interação é retratada de maneira singela, sem destacar amplamente o papel dessa população na história local, mas ainda assim reconhecendo sua presença e contribuição no processo de colonização.

---

4 A ideia de virtude no contexto de Pierre Bordieu está relacionada ao habitus, que refere-se a um conjunto de disposições e práticas adquiridas ao longo da vida, influenciadas pelo contexto social, cultural, e histórico em que o indivíduo está inserido. Para Bordieu as ações e escolhas dos indivíduos não são apenas resultado de uma decisão racional, mas também de um conjunto de habitus internalizados, que orientam o comportamento de maneira muitas vezes inconsciente.

Como já citado anteriormente agora em meio a tantas passagens pelo Rio foram se estabelecendo comércios, hotéis, clubes alimentados pelas veia pulsante que é o Rio Uruguai mas em fatídico dia toda essa bonança e prosperidade foi levado pelas águas em um evento climático sem precedentes a tão esperada cheia relatada pelos antigos moradores no documentário era quando segundo dava o “ponto de balsa” momento esperado em que os balseiros levavam a madeira extraída para comercializar na argentina no mês de agosto no ano 1965 infelizmente não aconteceu. Em 1965, o Porto Goio-Ên foi palco de uma enchente de grande proporção.

Figura 4 – Enchente do Rio Uruguai



Fonte: Acervo CEOM, disponível em <https://www.unochapeco.edu.br/ceom>. Acesso em 28/11/2024

A enchente assolou não só a comunidade chapecoense como outras colônias e municípios que se formem ao longo do Rio, os moradores do Porto Goio-ên passaram chamar o desastre ambiental de "Dilúvio" clara comparação a passagem bíblica do antigo testamento da Arca de Noé. Notamos o forte envolvimento da comunidade com a religião neste contexto a religião católica cujo símbolo dessa devoção foi a construção da igreja local ser construída em local elevado onde as pessoas “se salvaram” durante a enchente e depois serviu de abrigo para as famílias que perderam tudo.

“Quando foi feita igreja o seu Argeu disse eu só dou o terreno se vocês fizerem igreja onde eu quero, aí podem fazer, fez bem no alto uma igreja bem bonita. Veio enchente e o João com a balsa pronta para descer, e o rio foi crescendo, crescendo e subiu aí gritaram que o rio tava cheio e tava enchendo que o João descesse que ia arrebentar que eles não estavam conseguindo segurar a balsa com força da água, e eu com os 9 filhos fiz todos dormir e fiquei esperando o João voltar e ouvi o ronco

de um lancha só abri a porta e fui olhar o que tava acontecendo: o rio subiu ta em cima! (transcrição do relato de dona Dileta referente o recorte de 38”45 até 41”52 do documentário O Goio-en transbordou 2014)

A igreja serviu de apoio pois ficava localizada em um terreno mais elevado onde muitas das famílias que conseguiram escapar da enchente se abrigam lá. Tal construção é uma característica marcante da colonização do Oeste catarinense onde após as casas e limpeza do lote a próxima etapa era a construção da igreja, nas áreas coloniais, em várias ocasiões os terrenos para a construção das igrejas eram doados pelas companhias colonizadoras pois tais construções “se constitui marco inicial de comunidades e vilas, que promoveriam as mais diversas atividades de ordem pedagógica, assistencial, recreativa e social”(RADIM, 2009, p.275) todos os colonos se envolviam nesse processo criando e fortalecendo vínculos.

Após o evento da “grande enchente” outro evento envolvendo a elevação do nível do Rio assolou a região. A construção da Hidrelétrica Foz do Chapecó<sup>5</sup> localizada entre os municípios de Águas de Chapecó -SC e Alpestre - RS localizados a mais de 84 km de distância da localidade do Goio - ên mas alimentada pelo Rio Uruguai impactou na vida dos moradores pois muitos precisaram ser retirados dos locais onde moravam e por meio de acordos se mudaram e então ocorreu um novo transbordamento das águas do Uruguai. Posteriormente a inauguração da Usina em 2010, no ano de 2012 são entregues obras de infraestrutura e de uma unidade de saúde custeada pela Hidrelétrica como tentativa de reparação.

O empreendimento forçou vários moradores a se mudarem do espaço onde construíram a vida assim percebemos no discurso dos antigos moradores o abalo pela mudança do ambiente ao seu redor, relatam uma crise na identidade individual e coletiva devido, mudança espacial por meio das ações de agentes ambientais, onde as lembranças vem à tona e a sensação de pertencimento àquela comunidade afloram, sentimentos que afirmam estar enfraquecidos devido a saída do Goio-ên.

Deste modo visto que todo esse sentimento de pioneirismo e pertencimento se foi com as águas, muitas famílias se viram forçadas a migrar de seus lares que muitas das residências foram passadas por gerações e que muitas vezes estavam estabelecidas na localidade do goio ên desde os primórdios da colonização. Notamos o tom de lamento e saudosismo nos depoimentos , o senso de comunidade e identidade que emana da colonização, Hall nomeia esse evento de descentração ou deslocamento isso ocorre quando os indivíduos permeados por

---

5 Informações retiradas do site <https://www.dicio.com.br/aurelio>. Acesso em 28/11/2024

essas mudanças tem uma perda do “sentido de si” pois a transformação do indivíduos tanto de seu seu lugar no mundo social e cultural constitui uma “crise de identidade” ( Hall, 2020, p.14)

Assim, este capítulo buscou apresentar uma visão ampla e detalhada do processo de colonização, destacando os aspectos que moldaram a identidade e a dinâmica da região. A análise do entorno do Rio Uruguai, especialmente no contexto de Goio-En, em Santa Catarina, revelou a importância desse curso d’água como um eixo estruturante na história local. Seu papel como rota de deslocamento, fonte de recursos e delimitador geográfico contribuiu significativamente para a formação social, econômica e cultural da região.

## 5 FORMAÇÃO DO COLONO NO OESTE CATARINENSE

Segundo o dicionário Aurélio o significado da palavra Colono é: 1. Aquele que faz parte de uma colônia; 2. Indivíduo que cultiva uma porção de terra mediante pagamento de salário; 3. Aquele que busca se estabelecer num país ou território que não é o seu. Entretanto algumas palavras ao longo do tempo para grupos e comunidades passam por um fenômeno chamado mudança semântica. Isso ocorre por diversos motivos, como contexto histórico, uso popular e ressignificação em movimentos sociais e culturais. Mas quem é esse colono que tanto se fala? Neste momento é que deslocamos o olhar aos colonos que migraram ao Oeste Catarinense e as gerações subsequentes.

E é exatamente esse fenômeno de mudança semântica que observamos acontecer com a palavra Colono e seu significado antes, durante e após o período de colonização, perpassando as gerações no presente trabalho vamos abordar a quarta gerações. A primeira são os colonos de origem (RENK, 2001) os quais desbravaram as terras, limparam os lotes e se estabeleceram, como já vimos anteriormente. A segunda geração são aqueles descendentes dos imigrantes italianos de origem, mais precisamente os que hoje são avós da atual geração (4º geração) que herdaram os costumes trazidos da terra natal assim como a identidade cultural intimamente ligada ao território onde ela se manifesta. A terceira geração nos deparamos com uma geração que enfrentou o êxodo rural em que o colono se insere “no mundo” e o mundo insere -se na vida dos colonos segundo Renk “os colonos e mundo mudaram, as transformações externas rebatem nas diversas dimensões da vida camponesa, afetando e ressignificando categorias nucleares, como a identidade camponesa e o esquema axiológico” (2001, p. 227) e a quarta geração é a que está escrevendo, revisitando produzindo através dessa identidade colono a qual busca inspiração na casa das gerações antepassadas já que *cool.ona é a nona*<sup>6</sup>.

Essa busca por manter a identidade cultural era tão marcante que, frequentemente, ouvia-se a pergunta: “De que gente tu é?”, como uma forma de identificar o sobrenome e a

6 Conceito cunhado pela autora do trabalho junção do termo em inglês cool representando algo que é estiloso, leal ou divertido com a palavra colona, a fim de no futuro dissertar e aprimorar o conceito.

origem da família. A colonização oestina predominantemente formada por descendentes de italianos e católicos favoreceu a construção de duas esferas sociais principais: a familiar e a comunitária. A esfera familiar era composta por pais e filhos, mas também era comum que parentes de diferentes graus adquirissem lotes próximos, reforçando laços genealógicos e de fraternidade. Essa dinâmica refletia uma tendência de homogeneidade, com preferência por casamentos entre pessoas da mesma ascendência podendo assim perpetuar a cultura, os saberes e os dialetos por meio da tradição oral.

Além disso podemos observar a formação do colono foi estabelecida sobre os alicerces do trabalho e este não apenas na limpeza dos lotes e extração da madeira, mas na construção das casas, espaços de convivência como igreja, salão comunitário, escolas e na agricultura tanto de subsistência quanto no excedente, ainda assim é possível observar no que mesmo não estando morando no Goio em a lembrança e o discurso do trabalho é presente com falas de “ nós trabalhávamos muito mas era um tempo bom”.

## 6 REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE

Para quem precisou mudar do local onde moravam além da mudança do espaço físico, tiveram que enfrentar a mudança no seu modo de viver e buscando uma nova identidade um ressignificação, pois muitas famílias migraram do espaço rural do Goio-ên para áreas mais urbanizadas na cidade de Chapecó, embora "as representações construídas sobre a região, em geral, relacionam a colonização ao progresso e a civilização" (Radin, 2009. p . 19) percebemos aqui uma ressignificação do que passa a ser considerado "progresso e civilização" onde o trabalho no campo já não é tão rentável quanto era uma vez, e o colono já não consegue " se colocar e colocar os filhos".

Arlene Renke destaca que a colônia enfrentou uma profunda crise no modo de vida, marcada por desafios relacionados à sustentabilidade da vida no meio rural. A situação agravou-se devido a fatores como a desvalorização econômica do setor agrícola e o êxodo rural, com os filhos das famílias agrícolas migrando em massa para os centros urbanos. Esse movimento ganhou força na década de 1980, impulsionado pelas transformações sociais e econômicas geradas pela globalização. Nesse contexto, surgiram importantes iniciativas no campo, como a formação de cooperativas agrícolas, a organização de sindicatos rurais e o crescente protagonismo das mulheres por meio do Movimento de Mulheres Agricultoras. Esses movimentos não apenas introduziram novas formas de organização social e econômica, mas também contribuíram para uma reconfiguração da identidade do trabalhador rural. Reconhecido agora como agricultor, esse trabalhador passou a ser valorizado como profissional, consolidando a agricultura como uma atividade qualificada essencial.

-Há diferença entre gricultor e colono? Lógico, a palavra tem o mesmo sentido, mas agricultor, geralmente, se fala de quem trabalha na agricultura, é desprezado. Mas se falou em colno, fala em pé rachado. Você tem que falar em *agricultor*, é quem produz alimentação. Falando em *colono* é pessoa grossa e ninguém da valor ( RENK, 2001. p.163)

Forma-se uma identidade social ambígua, na qual, em situações formais que exigem exposição pública ou a assinatura de documentos, identificam-se como agricultores. Entretanto, quando é necessário resgatar o pioneirismo e valorizar o trabalho árduo, passam a se autodenominar colonos.

Percebemos que no início do século XX o processo de colonização do Oeste Catarinense e do Rio Grande do Sul a ideia do Governo Federal foi de introduzir imigrantes e posteriormente migrantes europeus para colonizar os interiores do país em justamente em contraponto aos moradores originários dos “sertões” brasileiros sertanejos, caboclos e indígenas que eram classificados como menos aptos para a empreitada intitulados de preguiçosos, ignorantes e descritos pela literatura como “Jecas”.

Partindo das margens do Rio Uruguai no Rio Grande do Sul, por volta de 1912 desembarcam agora em solo catarinenses migrantes de origens alemãs e italianas, colonos de origens dispostos a desbravar e estabelecer o civilização e progresso por meio do trabalho na cidade de Chapecó e no Distrito do Goio -ên, onde nesse processo o Colono era figura valorizada e exaltada.

Os personagens do documentário fonte além de se estabelecerem as margens do Rio, tiravam dali seu sustento e davam vida ao importante posto econômico que era as “barrancas do Uruguai” cumprindo o papel de estabelecer a civilização na terra até então inóspita, que com a enchente de 1965 se viram obrigados a novamente migrar, mas desta vez não para desbravar novas terras, mas para assumir uma nova vida na localidade urbana, desta vez desbravar como é morar na “cidade” e nesse momento é que percebemos a crise da identidade.

Por vezes na História das civilizações nos deparamos com narrativas semelhantes a particularidade dos nossos protagonistas é que após o seu êxodo são lançados a uma realidade totalmente diferente das que sempre conheceram, podemos elucidar com Hall no que ele chama de comunidades imaginadas para o autor “ as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural, ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses, gauleses ... ( 2012, p. 29) aqui no caso na cultura regional, somos colonos.

As culturas são compostas não apenas de instituições ( família, igreja, escola), mas também de símbolos e representações. No que se diz respeito aos colonos a representações sofreram alterações com o passar do tempo e das gerações. Com isso Chartier nos mostra que

As noções complementares de “práticas e representações” são bastante úteis, porque através delas podemos examinar tanto os objetos culturais produzidos como os sujeitos produtores e receptores de cultura, os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e por fim as normas a que se conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive mediante a consolidação de seus costumes ( CHARTIER, 1990, p. 135)

Mesmo com um processo de desvalorização da cultura colona percebemos a consolidação de seus costumes nas técnicas de produção de alguns alimentos ( salame, polenta) no jeito de falar, e por vezes manutenção de dialetos que após os anos 80 eram considerados vulgares muitas vezes por algumas palavras serem pronunciadas em discordância com a norma culta da Língua Portuguesa atualmente vemos um cenário de revisitação principalmente pela quarta geração das famílias

Podemos observar esse processo por meio das produções cinematográficas como o documentário “ O Goio ên transbordou” da Margot Produções, a banda Novos Colonos<sup>7</sup>, O humorista Eduardo Gustavo Christ conhecido pelo seu personagem Badin O Colono<sup>8</sup>, contamos com o escritor Gustavo Matte<sup>9</sup> com livros como “ Nuvem Colono” e “ Édipo da Colônia” além das diversas produções acadêmicas voltadas para a temática do colono e colonização como a da Mestre em História Bruna Carolina Krauspenhar<sup>10</sup> "Memórias e imagens de uma paisagem em transformação: colonização e desmatamento no Oeste de Santa Catarina (1940-1970)

São algumas das novas representações do que é ser colono, representações essas que para Chartier “são relações entre humanos em relação uns aos outros e na sua relação como o mundo inclui tanto as práticas discursivas quanto não discursivas “ Essas práticas, que vão além da comunicação verbal ou textual, englobam ações, gestos, rituais e formas de interação que estruturam as experiências humanas e dão sentido à realidade vivida. Ao integrar o discurso com ações concretas, Chartier nos convida a perceber que o mundo não é apenas representado, mas também constantemente moldado pelas interações humanas. Assim, práticas discursivas como a escrita e a fala estão intrinsecamente conectadas a práticas não discursivas, como gestos simbólicos ou rituais cotidianos, criando um tecido dinâmico que constitui a cultura e as relações sociais.

A trajetória da identidade do colono no Oeste Catarinense reflete um processo dinâmico e multifacetado. Inicialmente abalada por crises econômicas, sociais e culturais, a identidade do colono passou por momentos de questionamento e redefinição. A migração de

---

7 Informações adicionais sobre Novos Colonos disponível em: <https://www.lenoticias.com.br/noticia/8423/banda-novos-colonos-lanca-album-e-conquista-espaco-musical-no-oeste-de-sc>. Acesso em 05/12/2024

8 Informações adicionais sobre Badin O Colono disponível em: <https://www.obadin.com.br>. Acesso em 05/12/2024

9 Informações adicionais sobre Édipo da Colônia disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2455565323667113>: Acesso em 05/12/2024

10 Informações adicionais disponível em <http://lattes.cnpq.br/468619494787432>. Acesso em 05/12/2024.

jovens para os centros urbanos, o impacto da globalização e as transformações nas práticas de trabalho no campo desafiaram a continuidade dos valores e tradições que outrora estruturaram a vida colonial. Essa reafirmação de identidade demonstra que ser colono no Oeste Catarinense vai além de uma designação econômica ou cultural é uma construção histórica que combina tradição e adaptação. Nesse sentido, o colono contemporâneo representa uma síntese entre o legado do passado e as demandas do presente, reafirmando sua relevância e protagonismo na sociedade rural.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, o presente trabalho buscou explorar uma questão amplamente debatida na academia: a colonização e o papel do colono no Oeste Catarinense, com ênfase na cidade de Chapecó-SC. Contudo, adotou-se um enfoque diferenciado, utilizando uma fonte ainda pouco explorada nas pesquisas sobre o tema: a fonte fílmica. Como apresentado na introdução, o cinema e as produções audiovisuais, como documentários e curtas-metragens, são recursos relativamente recentes na prática historiográfica, que vem ganhando cada vez mais espaço e notoriedade nas pesquisas acadêmicas.

A própria aceitação do cinema enquanto fonte histórica foi tardia encontrando respaldo e nos trabalhos do historiador Marc Ferro que não só propõe o uso enquanto objeto de pesquisa quanto desenvolve métodos para sua interpretação, a partir dele demais historiadores e outras áreas das ciências humanas passam a teorizar sobre a sociedade com base no cinema e fontes fílmicas.

Tamanha proporção tomou o movimento que alcançou os confins do Oeste Catarinense em Chapecó se tornando cenário tanto no sentido literal quanto no sentido figurativo da palavra, embalado por blues e bandinhas, Chapecó torna um polo de referência tanto de produtoras cinematográficas quanto produções acadêmicas utilizando filmes, documentários, curta – metragens como fontes históricas. Tal movimento trouxe consigo novas possibilidades de pesquisas e inquietações.

Buscamos mostrar que o processo de colonização tanto do Oeste Catarinense como de Chapecó é marcado por controvérsias, disputas de terra e de narrativas, o entranhamento no primeiro contato entre os descendentes de imigrantes europeus que migravam com a esperança e a promessa de uma nova vida na “ Terra Prometida” a qual na maioria das vezes não era o que havia sido prometido nem conivente com a propaganda das companhias colonizadoras, e que culminou no conflito com os povos já residentes na região os caboclos e indígenas.

Concluindo a escolha de trabalhar com essa fonte fílmica e a temática de pesquisa surgiu de unir duas paixões: o cinema o a colônia. Deste modo podemos observar a sociodisséia que os colonos de origem e seus descendentes percorreram em busca da

ressignificação da identidade e da representação e a perspectiva para as futuras gerações de perpetuar a cultura colona e produzir a partir das origens assim como ter orgulho delas por parte das gerações que virão depois de nós.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, José D'Assunção. **Cinema e História: Considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas.** Comunicação & Sociedade,ISSN Eletrônico: ISSN 2175-7755. Ano 32, n. 55, p. 175-202, jan./jun. 2011
- BARROS, José D'Assunção. **Cinema e história: As funções do cinema como agente, fonte e representação da história.** *Ler História*,2007, 127-159.
- BARROS, José D'Assunção. NÓVOA, Jorge. **Cinema- história: teoria e representações sociais no cinema.** 3. Ed. Rio de Janeiro: Apicuri. 2012.
- BARROS, José D' Assunção. **A Historia Cultural e a contribuição de Roger Chartier.** Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005
- CARBONERA, Miriam, André. RENK, Arlene. SALINI, Ademir.(orgs). **Chapecó 100 anos: Histórias Plurais.** Chapecó. Argos, 2018.
- CARDOSO, Ciro Flamariom. VAINFAS, Ronaldo (org.).**Novos domínios da história.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012
- FERRO, Marc. **Cinema e História.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro. Lamparina,12ª edição, 2020. 64 p.
- JAHNKE, Morgana Elisha. **Canibais em Palmitos: arte e anarquia no cinema independente.** 2018. 101 p.
- KRASPENHAUR, Bruna Carolina. **Memórias e imagens de uma paisagem em transformação: colonização e desmatamento no Oeste de Santa Catarina" (1940-1970).** 2024. 137 f. Dissertação ( Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul,Programa de Pós Graduação em História, Chapecó, SC, 2021.
- MORETTIN, Eduardo Victorio. **O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro.** História: Questões & Debates, Curitiba, n. 38, p. 11-42, 2003. Editora UFPR
- MORETTIN, Eduardo Victorio. **Dimensões históricas do documentário no período silencioso.** Rev. Bras. Hist. 25 (49) • Jan 2005
- MORETTIN, Eduardo. NAPOLITANO, Marcos. KORNIS, Monica Almeida. História e Documentário. Rio de Janeiro: FGV, 2012
- MORGA, Antonio (Org). **História das mulheres de Santa Catarina.** Chapecó: Argos e Letras Contemporâneas, 2001, 285 p.
- NAPOLITANO, Marcos. **Fontes audiovisuais: A história depois do papel.** In: PINSKY Carla Bassanezi. (Org.) Fontes históricas. 2 ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2008.

ONGHENO, Luiz André. FRANCESCHI, Lucas Antonio. **Vidas em torno do rio: Uma abordagem histórica das relações estabelecidas entre as populações na região Oeste de Santa Catarina e Noroeste do Rio Grande do Sul e o Rio Uruguai.** Cadernos do CEOM - ano 21, n. 29 - Bens culturais e ambientais

RADIN, José Carlos. **Representações da Colonização.** Chapecó: Argos, 2009. 322 p.

RENK, Arlene. **Narrativas da diferença.** Chapecó: Argos, 2004. 160 p.

RENK, Arlene. **Sociodicéia às avessas.** Chapecó: Grifos, 2000. 440 p.

SOCHA, Mateus Felipe. **Quando a horta invadiu o jardim, a formação da cena e a presença da clonagem nas produções do rock independente em Chapecó (1977 - 2001).** 2021. 223 f. Dissertação - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós Graduação em História, Chapecó, SC, 2021.

VICENZI, Renilda. **Mito e história da colonização do oeste catarinense.** Chapecó: Argos, 2008. 162 p.